

Obs: As notas de rodapé são observações da tradutora.

AMÉLIA OLYMPIO - Nossos filhos ficam muito orgulhosos, muito orgulhosos quando dizem que eu sou Olympio.

MILTON GURAN - Mas os Olympio, também, é uma família que se tornou muito importante.

AO - Sim.

MG - E as outras famílias afro-brasileiras que não são tão importantes quanto os Olympio? Elas também são orgulhosas de sua origem brasileira?

AO - Eles são orgulhosos entre eles mesmos.

MG - Está aí.

AO - Está aí. É preciso vos dizer que os Olympio são os primeiros que tiveram dinheiro, enfim, que tiveram plantações. Como Octaviano Olympio, ele teve grandes plantações aqui, ele também trabalhou e eles eram os *gentlemans negros*, enfim. Eles se vestiam bem, eles saíam bem, tinham também servidores na casa deles. Assim, eles eram mais civilizados do que os outros. Em uma palavra, eles eram mais civilizados do que os outros, superiores aos outros. E eles eram mais bem de vida. Então as pessoas achavam que eles eram muito ricos. Ora, eles não eram muito ricos. Eles mandavam trazer as roupas deles da França, ou do Brasil, eles se vestiam como os brancos, eles faziam tudo como os brancos, eles se colocavam na mesa como os brancos. A louça deles, tudo vinha do Brasil. Então, o senhor vê? Enquanto que do lado tinha os outros, que eram muito pobres. O senhor vê? Então, é isso.

MG - E hoje, uma família togolesa de origem togolesa, se ela encontra uma família de origem afro-brasileira, será que ela vai ainda considerá-los como brancos?

AO - Não, acabou, tem, mas, em certas, quando tem disputa, quando tem alguma coisa...

MG - Tem palavras que saem.

AO - Aí está.

MG - E na maneira de viver é a mesma coisa?

AO - Sim, eles vão te dizer: “Tu não és desse país”. Na política, igualmente.

MG - ???

AO - Sim, sobretudo, são os Olympio que abriram os olhos dos outros, os primeiros. São eles que estiveram na ponta da política togolesa. São eles, de todos, eles defenderam os interesses dos autóctones. São eles que se aproximavam mais dos governantes que passaram por aqui, sobretudo Octaviano, ele fez muita política, ele e seus filhos. E, o senhor vê, quando o senhor for uma noite na casa do meu irmão, ele vai vos mostrar fotos, e se ele vem, certamente ele virá, têm muitas fotos onde o senhor encontrará o velho, em pessoa. O senhor já viu uma de suas fotos, lá?

MG - Sim, nós vimos.

AO - O senhor vai ver Octaviano com os governantes, com os chefes do país, com... Ele os tinha ajudado muito.

MG - E como ele conheceu esses governantes?

AO - Porque ele... Primeiro, são eles que formaram a cidade de Lomé.

MG - O governador?

AO - Não, meu tio. Ele era como um chefe do vilarejo. Quando os alemães vieram, era ele que entendia inglês e que podia se exprimir. Ele podia ser intermediário entre os autóctones e os brancos, enfim. Então, eles eram obrigados à se dirigir a ele. Eles passavam por ele, então. Meu tio, ele colocou em guarda todos os chefes que estavam em volta dele. Eles foram os primeiros que vieram para Lomé. Tinham barcos, tinha um porto, mas é ele, eles desmataram toda a cidade de Lomé. Tinham plantas que chamavam Loumé. As pessoas diziam: “Eu vou para loumé”. E daí o nome de Lomé. Então, foram eles que se instalaram ali. Eles fizeram vir gente de Aguê, que se instalaram em Lomé e esse vilarejo de Loumé tornou-se uma grande cidade.

MG - Loumé quer dizer o quê?

AO - É uma planta que chamava Lou. Um nome do país.

MG - Está aí, vem do nome.

AO - Isso. Depois, mais tarde, chamaram de Lomé. Os africanos a chamavam Loumé. De Lou. Quer dizer, eu vou na Lou.

MG - Na planta aí.

AO - Na plantação da planta. Eu vou à plantação de Lou. É isso que queria dizer Loumé. Bom, agora, virou Lomé. Veja, então, foi meu tio que estava na cabeça daqui, porque foram eles os primeiros a se instalar aqui. E quando os brancos vieram, foi para ele que eles se dirigiram. E como ele entendia já o inglês, e depois o português, ele pôde se expressar com eles. E são... É ele que estava diante deles para as plantações. Os alemães nos aprenderam a plantar coqueiros, e ele se colocou imediatamente nos negócios. Ele fabricava tijolos que ele vendia para construir casas de tijolos e não casas de palha. E foram os alemães que ensinaram isso para ele também. E depois, ele

aprendeu também, o que é que eles faziam ainda? A plantação, ele aumentou sua plantação porque os alemães eram muito gentis. Dizem que eles eram malvados, mas agora fazemos a diferença. Eles se ocuparam da pessoa do negro. Enquanto que os outros não se ocuparam de nossa pessoa, eles [os alemães] lhes ensinaram a primeiro cultivar a terra para [depois] se procurar do que comer. Isso no chicote. Porque o negro não amava muito se cansar. O país é quente, em todo o tempo, eles não tinham feito grande coisa, então, para cultivar, eles cultivavam um pedaço de terra somente, agora, com o chicote, os alemães usavam o chicote para fazê-los trabalhar. Os obrigavam a trabalhar. É assim que a plantação do meu tio se estendeu dos trilhos, ali, até a alfândega. E da praça da Independência até ali, no *marigot*, tinham grandes plantações de...

MG - Octaviano.

AO - Foi aí que ele enriqueceu. E ele fabricava tijolos também. Assim, os De Souza também tiveram grandes plantações. Aqueles que trabalharam com ele em Lomé, todos se tornaram ricos, graças aos alemães. E os alemães os ensinaram a limpar as casas, nesse momento aí, tinham agentes sanitários que recolhiam as garrafas vazias, recolhiam tudo o que era sujo, para que nós não tivéssemos o paludismo, também, isso diminuiu a mortalidade aqui, entre os negros. Eles fizeram em toda parte latrinas aqui, agora isso não existe mais. E eles velaram para que todas as casas, as ruas, a cidade, seja limpa. O senhor vê? E agora, entretanto, porque eles chicoteavam as pessoas, os negros não os amavam.

MG - E Octaviano teve boas relações com os alemães?

AO - Sim, sim.

MG - E com os franceses?

AO - É a mesma coisa.

MG - A mesma coisa.

AO - A mesma coisa porque ele estava sempre, ele era [con]decorado¹, o senhor vai ver as [con]decorações, ele era muito diplomático, enfim, como se diz.

MG - Quando a senhora diz que os Olympio eram próximos dos autóctones e que os alemães se ocupavam da pessoa, e a senhora diz que os outros, os outros eram os franceses, não se ocupavam da pessoa.

AO - Não, sim, eu vou esclarecer isso. Os alemães, no tempo deles, quando eles vieram, era a selva, o africano não sabia nada, nós estávamos completamente, euh, na selva. Salvo os mestiços. Tinham aqueles que os pais educavam de outra forma. Eles não fizeram muito para... Não educaram como verdadeiros brancos, mas, de toda forma, tinha uma diferença na educação. Então, os consideravam assim. Eles os colocavam

¹ No manuscrito está escrito “decorado”, no lugar de condecorado.

sobre um pedestal elevado. Bom, agora, eles também receberam instrução. O que os permitiu de ter negócios com os alemães. Porque são eles que vieram primeiro aqui. Então eles tinham... Os alemães deixaram assim muitas coisas para eles, ensinaram muitas coisas. Euh! Como é preciso ter limpeza, trabalho, e bastante coisa. E os alemães tinham patronato, eles não tinham prisões. Eles não aprisionavam. Eles começaram com o chicote, 25 golpes. Deitavam-te em pleno sol, sobre um barril, e depois te davam 25 golpes. Agora, os negros não gostaram disso. É por isso que eles não amaram. Eu digo que eles se ocupavam da pessoa porque eles saneavam a cidade.

MG - Sim, justamente, mas os franceses não tem nada desse jeito de fazer.

AO - Os franceses se ocuparam, sobretudo, do comércio deles.

MG - Está aí. Então, Octaviano, quando ele se entendeu com os franceses, ele era bom com os autóctones, somente que ele os traía um pouco.

AO - Não, ele não os traía. Eu não entendo muito o senhor.

MG - O que eu quis dizer por aí, os alemães, eles se ocupavam da pessoa. Então, os africanos vivem mesmo melhor. Porque teve o saneamento. Bom, Octaviano era próximo dos negros, ele era próximo também dos alemães. E os franceses não têm essa política, fazer saneamento. Eles se ocupavam do comércio deles. Octaviano, sendo amigo dos franceses, se ocupava menos dos autóctones.

AO - Ele não era amigo, amigo. Ele tinha história de política, somente.

MG - E isso é...

AO - Veja, o senhor compreende, não tinha amigo, amigo íntimo, ele estava sempre no grupo.

MG - Por estar lá.

AO - Por estar diante dos franceses, para falar dos negócios do país.

MG - Mas ele tentava sempre defender os interesses dos autóctones?

AO - Sim, ele defendia os autóctones, mais do que os franceses. No começo, ele não sabia a diferença entre os brancos. Os outros também, não podiam dizer que eles não trabalhavam pelos interesses deles, mas somente...

MG - Eles não eram mais próximos de...

AO - Sim, são as primeiras atenções que nós conhecemos, enfim. Então, eles acreditavam que os alemães eram maus porque eles batiam. Tem um primo que me contou que quando eles abriram agora as prisões, eles acorrentavam todos os prisioneiros juntos, eles os colocavam todos no mesmo quarto, e eles fechavam a porta e se você queria ir ao banheiro, você era obrigado a ir com todo mundo. Se você queria fazer pipi, todos vocês iam juntos fazer pipi. Se eles queriam vos bater, eles batiam em

todo mundo junto. Então, teve um filho de Octaviano, cada vez ele se associa com os autóctones, que agruparam pessoas, e depois ele escreveu, porque ele sabe ler e escrever, as reivindicações, depois eles partiram na casa do governador para apresentar as reivindicações, sobretudo para os prisioneiros, eles disseram que não era bom, que era preciso, não era preciso aprisionar as pessoas desse jeito. Foi ele mesmo que me contou a história. Então, eles foram, tem um ministro alemão que chegou, eles pediram para ver o ministro. Os outros negros tinham medo. Eles disseram: “Tu és branco, tu és filho deles, então tu vais à frente”. Ele disse: “Bom, fiquem atrás de mim, vamos”. O governador caçou eles. Então meu primo aí, ele disse: “Não, não vamos partir, vamos esperar”. Eles esperaram. Depois, até o dia em que o ministro chegou, eles se apresentaram de novo na residência, o governador os viu de longe, os fez enxotar. E eles partiram se alinhar com as pessoas que queriam saudar o ministro. O governador os viu de longe, e enviou os militares para expulsá-los de novo. Ele disse: “Expulsem eles, que eles partam para longe, longe, longe”. Eles partiram. Como meu primo não queria deixar isso por isso mesmo, ele partiu se esconder numa mata, lá onde seria o desfile. Ele disse que eles se esconderam sob um arbusto por lá, bem escondidos, ninguém sabia que eles estavam ali. Desde que o ministro e seus seguidores chegaram ao nível deles, eles saltaram da árvore para apresentar a carta ao ministro. Foi tão rápido que o governador não pôde impedi-los. Ele apresentou a carta assim. O ministro pegou a carta, ele leu e depois ele disse ao governador: “Olha, é assim”. E bem, ele disse ao meu primo: “Isso vai se resolver”. E ele me disse que ele partiu, que o governador ficou com rancor, por pouco ele ia colocá-lo na prisão. Ele se escondeu bem para que não coloquem as mãos sobre ele. E o ministro partiu, e um mês depois liberaram, baixaram um decreto para dizer que a partir daquele momento não era preciso mais acorrentar os prisioneiros. É preciso deixá-los em liberdade na prisão. Está aí, coisas assim, que eles fizeram. Durante que eles fizeram o país. Eles estiveram sempre na ponta da política do país. O senhor compreende, e se tinha reivindicações, era sempre os Olympio que faziam isso.

MG - Até agora.

AO - Até...

MG - Até Gilles.

AO - Sim, é isso. O senhor vê, é isso. Então, é assim. Quando os alemães iam embora, [eles] perderam a guerra, meu tio Octaviano estava feliz, ele disse: “Eles vão partir agora”. Porque os alemães tinham quase todo o país, todo o terreno era para o governo. Eles não tinham deixado nada para os autóctones. Então, eles, o que nós vemos de bom é o saneamento, as latrinas, os mosquitos, os medicamentos que pagávamos pouco, as escolas que eles abriram, é isso que nós pegamos, nós vemos. Agora, quando eles partiram, dissemos: “Outras pessoas vão vir e nós vamos ficar contentes”. As pessoas beberam, comeram, beberam, dançaram, eles se embebedaram uma noite inteira porque os alemães partiam. E depois que os alemães partiram, vieram os ingleses. Os ingleses são mais liberais, eles não têm, eles não estão à cavalo atrás das pessoas para fazer com

que eles trabalhem, para levá-los à escola. Eles não obrigavam a fazer coisa alguma. Enquanto que os alemães os obrigavam a cultivar, mesmo que para eles mesmos. Então, quando os outros vieram, os africanos ficaram decepcionados, os brancos os deixaram fazer o que eles queriam. Sem mais força, eles estavam livres, eles podiam cultivar se eles quisessem, não cultivar, se quisessem, eles podiam tudo o que eles queriam. Eles acharam que, não, isso não era bom. Porque agora, as crianças podem faltar com o respeito. No tempo dos alemães, as crianças não faltavam com o respeito, ou os chicoteavam, a punição corporal era a regra. Eles eram seguidos severamente. E eles, depois eles apreciaram os alemães, essa educação, porque as crianças ficaram ainda mais livres do que os ingleses. Então eles desapreciaram completamente. Tem aqueles que não aprenderam nunca, nem o inglês nem o francês. Eles continuam falando alemão até hoje. O senhor vê nos vilarejos, as pessoas velhas que só falam alemão. O senhor vê, então, para terminar, é que os Olympio sempre estiveram na frente nesse país. Eles foram os primeiros a enriquecer, os outros chefes se alinhavam atrás deles, sempre foi assim. E os chefes apreciavam isso. É por isso que, quando Sylvanus Olympio estava lutando pela independência, todo o país estava atrás dele, porque os chefes estavam todos atrás dele, eles disseram: “Nós estamos todos atrás de Octaviano, nós estaremos todos atrás de seu sobrinho”. Agora, foi assim que eles puderam ter a independência.

MG - Os chefes dos vilarejos?

AO - Sim.

MG - E o que aconteceu depois? Yassingbé deu o golpe de Estado contra Sylvanus?

AO - Eh, eles foram expulsos pelo governo francês. Tinha dois partidos, o Partido Progressista e a Unidade Togolesa. Tinha dois partidos. Porque no começo eles queriam ir juntos, mas tinha mestiços alemães e os mestiços ingleses que fizeram seus estudos na França. E quando eles voltaram, a França prometeu-lhes coisas e eles formaram, o governo francês os chamou para que eles formem um partido político. Eles formaram o Partido Progressista. E aqueles que estavam do lado de Sylvanus Olympio, eles também formaram um partido político, um grande partido político então, e quase todo o país estava lá. Um terço do país estava aqui, ou bem um quarto do país estava aqui e os três quartos estavam com Olympio. E eles fizeram um grande movimento político aqui.

MG - Pela independência.

AO - Sim, pela independência. E, no momento dos votos, foram eles que ganharam, foi a Unidade Togolesa que ganhou. Depois, Olympio era duro como seu avô. Para a economia do país, ele era duro como os alemães, um pouco... Podemos dizer que ele teve uma educação alemã também. Ele era duro como eles, para ter honestidade no trabalho, a exatidão no trabalho, o senhor vê? Os franceses não forçavam, as pessoas eram livres. O senhor vê, eles podem fazer o que eles querem. Tu fazes o que tu queres, se tu queres, se tu não queres, tu não fazes. Eles são mais liberais, enfim. Eles são mais largos, enfim. Mas enquanto os alemães são duros. E ele recebeu essa educação. Ele era duro com o país. Mas não foi isso que levou os militares a fazerem o golpe de Estado.

Não foi isso que os levou. Eles foram... Eles os agruparam porque eles eram militares, mas tinham outras pessoas que tinham formado para fazer o golpe de estado e que estavam entre os militares. O senhor vai escutar lá, eles vão contar para o senhor.

MG - E Sylvanus, quantos filhos ele tem?

AO - Cinco.

MG - ???

AO - Sim, eles estão todos no estrangeiro agora. Tem Gilles Christ, tem seu irmão Barito, que acaba de morrer; depois tem euh! Tem Elpidio, e depois tem duas meninas, Sylvana e sua irmã. Como ela chama mesmo? Hein! Rosita. Tem a Rosita.

MG - Eles estão todos no estrangeiro?

AO - Todos estão no estrangeiro.

MG - E Sylvanus, ele reivindica de vez em quando sua origem brasileira?

AO - Ele era orgulhoso disso, ele era orgulhoso.

MG - E o senhor acha que isso marcou sua educação ou não?

AO - Porque a educação que o pai deles recebeu, é isso que ele transmitiu para os filhos dele. O senhor vê, eu digo ao senhor que nosso avô era duro, nossos pais também eram duros, exatamente como eles faziam. É isso que os outros fizeram também.

MG - E é essa educação aí, essa maneira de ser que permitiu aos Olympio fazer fortuna e estar diante dos autóctones face aos franceses e aos alemães. E então, e essa educação aí, que eles receberam na Inglaterra e na França e na Alemanha que deu o poder à Sylvanus de estar diante de todo o povo durante as independências.

AO - Sim, é isso.

MG - E foi essa educação que lhe permitiu ser o presidente da República.

AO - Sim, é isso. Porque ele trabalhou com integridade, ele não roubou um centavo, ele não enriqueceu às custas do comércio inglês. A firma??? Meu pai já tinha trabalhado, seu pai já tinha trabalhado nessa mesma casa, até sua aposentadoria.

MG - ???

AO - Sim, eles não tinham - como os outros fizeram depois deles, eles comeram todo o dinheiro, eles arruinaram o comércio e os colocaram na prisão. É sempre assim com os africanos negros. Eles sempre comem todo o dinheiro e tudo acaba porque sempre eles não sabem fazer as contas, eles não sabem calcular, eles não sabem dirigir os negócios. Seu pai dirigiu bem e seu filho também dirigiu bem, graças à educação que eles receberam do pai deles e nas escolas onde eles passaram entre os ingleses e em toda parte. Então, isso lhes permitiu serem sempre honestos no comércio. Depois, agora,

quando ele tornou-se chefe de Estado, a forma como ele dirigiu o comércio, e o que dizem as pessoas aqui, ele dirigiu o país da mesma forma, o país não tinha mais dívidas, ele quis pagar as dívidas. Nós não devemos mais nada, se, isso é pessoal, hein! Normalmente o que dizem é que se emprestam, podemos não devolver, hein! Porque a forma como acabam nossos produtos, a forma como nos exploram hein! Nós não podemos reembolsar o que dizem que lhes devemos. Mas ele, ele foi inocente até reembolsar esse dinheiro. Não foi isso que causou sua queda. Mas ele estava tão metucioso em seu trabalho que as pessoas não conseguiam roubar o dinheiro do Estado. É isso que suscitou o descontentamento. As pessoas não eram pagas o suficiente, mas eles contavam com o roubo, o dinheiro que eles roubavam de lado. Mas ele, ele supervisionava tudo. De Lomé até lá ele fazia funcionar os ministros, para fazer funcionar todo o mundo. E então, o Togo ia se enriquecer. O senhor vê, se o país fica rico, o país se submete? Ah! Um país não se submete ao seu chefe. O senhor vê, então ele, ele dizia que o Togo ia ser rico e que o todo ia ser o ouro da humanidade, e que o Togo ia ser então independente economicamente. E ele pregava a independência econômica. Então, os colonos não estavam de acordo. E foi isso sua queda.

MG - ??? Seu filho??? Candidato???

AO - Sim, ele quis continuar os planos de seu pai, seu pai não pôde fazer nada, ele só juntou o dinheiro que os outros dilapidaram depois. Então, agora, ele queria retomar a obra de seu pai. E ele podia porque tinha o mesmo caráter. Ele faria a mesma coisa. E isso não arranjava os colonos. O senhor vê?

MG - ???

AO - Bastante mesmo.

MG - Ah, bom! Como???

AO - Sim, é verdade.

MG - E que ???

AO - Sim, é isso. E a forma como ele foi fuzilado, ele devia morrer, não sabemos como ele fez para sair desse relógio. Apenas os atiradores de elite estavam lá sobre uma pequena colina e no momento em que seu carro passava, eles fuzilaram, mesmo metralharam até que o carro, o motorista saiu da fuzilada. Aquele que estava deitado sobre ele, tinha outro do lado dele, tinha se deitado sobre ele, e ele tinha descido, ele estava de pé sobre esses pés aí, é isso que o tinha salvo. E quem recebeu, ele é...

MG - Era seu tio.

AO - Não,

MG - Era?

AO - Um amigo, era uma coisa...

MG - O amigo morreu?

AO - Sim, era um daqueles que tinha trabalhado com o pai dele. É isso.

MG - E o que o levou a se apresentar à Presidência?

AO - É a ideia dele, ele tem ideias.

MG - É sua família.

AO - A família nem sempre foi a favor. Eu estava a favor.

MG - E a senhora acha que um Olympio vai se apresentar para a presidência?

AO - Não, depois de tudo o que vimos, não.

MG - Tem muito rancor.

AO - Tem. Aquele que os colonos querem colocar na cabeça do país não é alguém que vê claro.

MG - Aqueles que os colonos... Quem são os colonos?

AO - São os colonizadores.

MG - Os colonizadores.

AO - Sim.

MG - Eles continuam aí?

AO - Sim.

MG - Mesmo depois da independência???

AO - Pelo presidente daqui, o presidente Eyadema.

MG - É ele sozinho ou apoiado por uma força externa?

AO - Uma força externa.

MG - ???

AO - Hein! A França. Não podem ser outras pessoas.

MG - E ??? Eyadema, eles estão contentes?

AO - Sim, estão contentes.

MG - Sim, mas não é todo mundo que está contente. Por exemplo, o ministro dos negócios estrangeiros, acaba de sofrer um acidente e morreu.

AO - Sim, todos os dias têm acidentes nesse país, isso continua. A noite mesmo, você conduz, pode ter um acidente lá, mesmo em sua cama.

MG - E depois, fazem três dias de luto nacional.

AO - Ah, sim, é isso.

MG - E a senhora, enquanto Olympio, a senhora tem problemas?

AO - Sim, nós temos sempre, desde que nosso irmão morreu, nós temos grandes problemas com o Estado. O primeiro problema é que nossos filhos não evoluíram. Quando nossos filhos vão para a escola, eles não conseguem.

(...) Ela vinha lhe trazer os produtos dos campos.

MG - ??? de Abéokuta? Yaya Francisca.

AO - Sim é isso, os escravos vinham lhe trazer frutas.

MG - Eles não vendiam escravos lá?

AO - Não, não, eles não vendiam. Mas ele os liberava, tinha muitos escravos que fugiram assim. Muitos, muitos, partiram. Tiveram alguns que continuaram fiéis a ele, que o ajudavam na casa, para a arrumação, como arrumadeiras, e depois, eles organizavam grandes festas e todos os seus escravos dançavam.

MG - Onde ela foi escrava? Ela vinha da Nigéria ou de onde?

AO - Ela foi roubada na Nigéria. O senhor sabe, teve grandes guerras em toda a Nigéria e no Benim.

MG - Sim, o Daomé.

AO - Sim, tinha entre o Daomé e a Nigéria. Então, um dia, tinha prevenido toda a cidade, disseram: “Está chegando uma armada daomeniana. Ninguém deve sair de casa. Todo mundo fica dentro da concessão. Ninguém deve sair”. E como minha avó nessa época era jovem, curiosa, e tinham lhe falado tanto das Amazonas do Daomé, lhe falado tanto da gente, como a gente do Daomé guerreava, que ela quis vê-los. Elas eram três primas. Elas saíram, se esconderam atrás de uma árvore para ver passar a armada do Daomé. Mas eles as viram e elas foram pegadas como escravas. Foi assim que elas as tiveram. Pegaram as três meninas. Enquanto o rei não queria que ninguém saísse. Eles vão guerrear mas vão antes deixá-los entrar na cidade, passear bem na cidade, antes de cercá-los. Eles tinham o plano deles, enfim, o plano de combate. Então, quando eles se encontraram assim, entre as pessoas, e todas as crianças que estavam curiosas para ir ver o que se passava na rua, todos foram recolhidos. E é em Aguê, nas paragens de Aguê, que elas foram revendidas.

MG - Então Francisca foi vendida?

AO - Ela foi vendida.

MG - Foi vendida ao Brasil?

AO - Ela foi vendida para brasileiros.

MG - Então, ela partiu para o Brasil?

AO - Ela não esteve no Brasil, foi a avó dela.

MG - ???² aquela que está sentada, em Abéokuta, então, ela foi pega como escrava pela armada daomeniana? Depois ela foi levada para Aguê, em Aguê ela foi vendida como escrava para um brasileiro. Então, ela foi ao Brasil.

AO - Ela, os brasileiros não levaram para o Brasil.

MG - E esse brasileiro, quem era? Era o Pereira Santos?

AO - Sim, ele fez dela sua mulher.

MG - Ah, era o Pereira Santos que fez dela sua mulher!

AO - Não, não! Não era o Pereira Santos ele mesmo. Era um de seus escravos. Quando alguém vos compra assim, tu estás a serviço dele, até que a pessoa morra ou parta. Quando ele partiu, então, seus escravos pegaram seu nome. Eles pegaram o nome de Pereira Santos, pegaram o nome dele. Eles tornaram-se proprietários da propriedade de seu mestre. Assim, eles herdaram também o nome, ao mesmo tempo.

MG - Então o marido da Francisca não era um brasileiro, mas um escravo de um brasileiro.

AO - Sim, é isso. Um escravo liberto, enfim.

MG - Um escravo liberto que estava no Brasil e depois veio.

AO - Sim.

MG - E Francisca, por que ela tem esse nome? É um nome brasileiro. Porque seu marido lhe deu esse nome?

AO - Sim, simplesmente isso. Porque ela era antes fetichista e depois ela se converteu ao catolicismo, e é por isso que lhe deram um nome de santo, enfim. É esse o nome de santo que ela usou.

MG - ???³

² Duvidas da transcrição.

³ Idem.

AO - Euh! Por causa dos escravos que ela comprava, enfim. Ela comprou muitos. Ela os libertou, com seus escravos ela fez um grande bairro por lá. E todos os escravos viviam em liberdade. E tem muitos que aproveitaram para fugir, não é.

MG - Para partir porque eles estavam em liberdade?

AO - Sim, eles se foram, eles tinham partido, eles partiram. Muitos que eram jovens e que ficaram não conheciam mais o caminho de volta para o país deles, eles ficaram. E eles ficaram muito tempo, e não faz muito tempo que os últimos morreram.

MG - E antes a senhora me contava que era Francisca de Abéokuta que acolheu Francisco Olympio, lhe deu filha como esposa na cidade e que ele a protegeu.⁴

AO - Sim, é isso.

MG - E ela viveu até... Ela morreu, faleceu, em 1882⁵. 1982.

AO - Sim.

MG - Francisco, ele morreu em 1903, é isso?

AO - ???⁶

MG - Ele nasceu em 1833, e ele morreu em 1907.

AO - Sim, ele morreu cedo, porque ele tinha muitas tristezas. Ele teria amado retornar ao país dele, ele não podia mais voltar para casa.

MG - Ele morreu cedo, com 81. A senhora diz que ele morreu cedo.

AO - Está bom.

MG - E vosso pai, Antônio, ele nasceu em 1873.

AO - Ele morreu com 95 anos.

MG - Com 95 anos.

AO - Sim.

MG - Sim, é verdade, 1968.

AO - Mas o velho lá, o velho Francisco, ele era instruído, ele instruiu todos os seus filhos. Ele os ensinou a língua do Brasil, o português, enfim. Ele ensinou o português e todos os filhos dele sabem falar o português. Apenas, vimos num filme aqui, as filhas não saíam. Ele não instruiu as filhas.

AO - Sim, suas filhas, ele não lhes deu instrução.

⁴ O parágrafo está destacado com uma linha vertical.

⁵ A primeira data foi destacada com um círculo pelo pesquisador.

⁶ Duvidas da transcrição.

MG - Ele instruiu os filhos.

AO - Sim, todos os filhos, ele os instruiu. Ele mesmo. Todos os seus filhos falam corretamente o português. E isso, mais tarde, depois que os ingleses abriram escolas, na Nigéria, ele os enviou nos colégios da Nigéria. Foi assim que ele instruiu todos os filhos.

MG - A senhora disse um filme?

AO - Sim, nós vimos um filme sobre o Brasil, Mademoiselle⁷. Então, nós fizemos uma aproximação, enfim, e vimos que, nesse filme, temos, não instruíam as filhas.

MG - E a senhora deduziu que Francisco...

AO - É por isso que Francisco não instruiu suas filhas. E as filhas também não saíam. Em sua casa, ninguém saía. Todo mundo fica em casa, tanto as mulheres quanto as filhas. Só os meninos saíam.

MG - Eles falavam português e inglês.

AO - Sim, eles falavam português e inglês.

MG - E de fato, ???⁸ português ou bem o quê?

AO - Ele instruiu também seus netos. Ele tinha por amigos todos aqueles que vinham de Portugal.

MG - Os netos, quer dizer, o Sr. Carlos.

AO - Não, Carlos não o conheceu.

MG - Ele não o conheceu?

AO - Não, não, tem um primo mais velho, aí, eles estão todos mortos agora. Eles estão todos mortos. Euh! Carlos, não! Ele não o conheceu.

MG - ???⁹, por exemplo, se vossa avó estava ???¹⁰, certo, Francisco é vosso avô. Carlos é vosso irmão. Mas, Carlos, ele não é velho o suficiente para conhecer, somente os mais velhos conheceram Francisco.

AO - Sim, é isso. Por causa da poligamia, hein! É a poligamia que faz isso. Tem mulheres mais jovens que outras. As primeiras mulheres que tiveram filhos, hein, foram esses filhos que conheceram o avô.

MG - E Carlos, quando ele nasceu?

⁷ O “filme” citado é na verdade uma novela, Sinhá Moça, da rede Globo, que passou no início da década de 1990 na África.

⁸ Dúvidas da transcrição.

⁹ Idem.

¹⁰ Idem.

AO - Esse aqui? Oh, eu não sei muito, eu não sei quando ele nasceu, mas eu sei somente que ele tem 88 anos agora.

MG - E ele não conheceu...

AO - Não, ele não o conheceu. Mesmo se, ele não o conheceu porque ele não estava, talvez em Aguê. Talvez ele vivesse ainda, mas...

MG - Isso faz atualmente...

AO - Meu pai nasceu em 1903.

MG - Ele nasceu em 1903?

AO - Sim, Carlos.

MG - Carlos nasceu em 1903.

AO - Sim, eu acho, se não me engano, ele mesmo vai retificar isso.

MG - ???¹¹ até em 1905.

AO - Ah, bom! Então ele estava com o pai dele ou então ele era muito jovem para ir para lá. Sim, meu pai trabalhou na floresta, longe, no Gana, com sua mulher, hein! Então, é que ele era muito pequeno para conhecer de verdade.

MG - Sim, sim, sim.

AO - O velho estava aborrecido e tudo isso.

MG - E a senhora, qual é o nome da senhora?

AO - Amélia.

MG - Amélia.

AO - Sim.

MG - É um nome brasileiro, hein!

AO - Ah, bom!

MG - Tem ???¹² aí. Ele vos deu esse nome. Mas tem entre vocês aqui muitos que têm nomes brasileiros, não é que eles têm sangue brasileiro, mas simplesmente por causa de seus pais que os tinham deixado. Tem os que fugiram e que guardaram o nome de seus patrões, porque isso cai melhor, é mais bonito que o nome deles do país. Têm aqueles cujos patrões os libertaram. Tem os que ficaram e que serviram muito tempo o patrão, até o dia de sua partida, ou até o dia de sua morte. Têm patrões que partindo libertaram

¹¹ Idem.

¹² Idem.

seus escravos. Eles não os enviaram ao Brasil. Eles tinham enviado outros escravos, mas aqueles que serviam as casas daqui, eles guardavam aqui. E eram comerciantes, todos aqueles que ficaram aqui. E por que dizem, chamam os brasileiros de agudá?

AO - Agudá, sim, é o nome que a gente do país encontrou. Eles os viram, tinha todos os brancos que vinham, os chamavam de agudá.

MG - Mas por que os afro-brasileiros, quer dizer, os escravos que pegaram o nome de seus mestres são chamados também de agudá? Dizem no Benim: “É um agudá”.

AO - Sim, porque eles têm o sangue de um agudá. Mas aqueles que eram escravos não são agudás. Nós os conhecemos bem e percebemos a diferença entre [eles].

MG - Ah, os conhecem bem, podem fazer a diferença.

AO - Sim, é isso, entre o verdadeiro filho de um agudá e aquele que não é filho de agudá.

MG - Por exemplo, os Medeiros são agudás?

AO - Sim.

MG - Os Almeida são agudás?

AO - Não, não os Almeida. Tem os Medeiros, é preciso ver somente, eles têm a pele mestiça. Eles deixaram vários pequenos mestiços lá.

MG - Os Medeiros?

AO - Os afro-brasileiros são todos mestiços.

MG - Sim, mas depois de várias gerações a pele fica negra.

AO - Sim.

MG - Então é difícil dizer quem é mestiço e quem não é.

AO - Somente o nome fica.

MG - Sim, o nome fica, mas é o que me interessa. A senhora diz, os Almeida não são verdadeiros agudás.

AO - Não.

MG - Por que a senhora diz isso? Conhecemos a história de gente que tem...

AO - Sim, sim, nós conhecemos a história deles. Tem os verdadeiros Almeida. Eles, eles não têm muitos filhos, eles não deixaram descendentes aqui. Mas são aqueles que os serviram quando eles estavam aqui que pegaram o nome Almeida, o senhor compreende?

MG - Sim.

AO - Então, isso, sabemos que eles não são verdadeiros agudás. Mas eles mesmos se dizem Agudás, mas eles não são. E nós os conhecemos, eles sabem.

MG - E os Vieyra?

AO - Os Vieyra, a mesma coisa. Tem os Vieyra que são verdadeiros agudás. Eles são divididos em dois, tem os claros e os escuros. E os descendentes dos verdadeiros agudás têm sempre a pele um pouco mais clara do que os outros. Nós mesmos, nós nos distinguimos.

MG - A senhora tem a pele mais clara.

AO - Um pouco mais clara do que os outros. Nós, os descendentes do velho, lá. Nós sabemos que, e depois tem o nome que tu usas. Depois tem os verdadeiros agudás que não deram seus nomes para os escravos. Como nosso avô, por exemplo. Ele, ele recusou que os escravos tivessem seu nome. Ele mesmo deu a eles outro nome. O nome do país. O senhor vê, então? Então, todos os Olympio são descendentes desse aqui. Porque o velho recusou que dessem seu nome aos escravos, ele não gostava disso.

MG - Está bem. Agora, a senhor sabe que todos os Olympio são descendentes desse aqui.

AO - Sim, mas os De Medeiros, eles são também brasileiros, mas de origem espanhola. Tem também os Amorim, eles são também brasileiros, eu acho que eles são, por eles, eu não tenho certeza, hein! Eles são portugueses também. Amorim e Olympio. Mas os Medeiros são de origem espanhola.

MG - Diga-me uma coisa, madame Amélia. Tem os nomes, tem uma origem, mas tem na maneira de ser um agudá alguma coisa que podemos ver que é diferente de outro? Ou é somente o nome? O que faz a diferença?

AO - A diferença é a maneira de viver, a maneira de viver. Os verdadeiros agudás receberam uma educação, em todo caso, um pouco superior à educação dos outros. O senhor vê, eles, eles são... Os pais deles os instalaram como patrões e não como escravos. Eles viveram como seus pais. O senhor vê, eles eram os mestres, é isso o que os diferencia. Eles, eles comandavam os outros, conheciam aqueles que não eram verdadeiros agudás e eles faziam diferença entre eles. Eles formaram um clube, todos os mestiços descendentes de brasileiros, eles estavam todos juntos, todos os mestiços, Medeiros, Amorim, Olympio. Tem os Da Silva, da Silveira¹³, nós os conhecemos, e também, todos simpatizavam, enfim, eles não se melavam muito aos outros. Eles estavam de lado.¹⁴

MG - Eles faziam normalmente o comércio?

¹³ No manuscrito a grafia é Sylveia, mas trata-se ao que tudo indica do sobrenome Silveira.

¹⁴ O parágrafo foi destacado com um traço vertical.

AO - Sim, eles eram todos comerciantes, eles eram um pouco mais ricos do que os outros, está aí, é isso que fazia a diferença.

MG - E isso faz a diferença ainda, até hoje?

AO - Oh, agora, não. Não, agora os outros os alcançaram. Euh... Eles evoluíram em política, enquanto que os outros se diziam patrões, enquanto que eles não se metiam muito as mãos na massa. Os outros, sabendo que são inferiores, tentaram subir eles também. Eles trabalharam, eles os alcançaram, eles os ultrapassaram. Está aí, agora somos misturados. Agora não tem mais diferença, agora os outros gozam da gente, agora eles dizem: “Vocês, vocês são agudás, brancos, nós, nós somos negros”. O senhor vê?

MG - Então a senhora tem orgulho de ???¹⁵

AO - Por que não? Pois que nossos parentes foram os primeiros civilizados. Foram os primeiros que trouxeram alguma coisa para a África, apesar da escravidão. As pessoas, durante o tempo da escravidão, as pessoas não sabiam que atrás do mar, lá longe, tinha o sofrimento, tinham pais que levavam seus filhos aos escravagistas. Eles diziam: “Se tu não me obedeces, vou te vender aos brancos”. Acreditando que o filho, lá, ia voltar com bens, vai voltar com outra civilização, vai lhes honrar. Então, eles mesmos pegavam as crianças teimosas, as crianças ladras, as crianças recalcitrantes, eles iam dar lá: “Te dou de presente meu filho”.¹⁶

MG - ???¹⁷

AO - Não, é uma honra.

MG - Uma honra?

AO - Sim, é uma honra, o senhor vê? É uma honra. Então, foi assim que muitas pessoas deram seus filhos. Eles os levaram para lá. Infelizmente, mais tarde, os filhos não voltaram nunca mais. Enquanto que eles esperavam que esses filhos voltariam para aliviar seus sofrimentos. E eles enviavam [os filhos], antes disso que o sofrimento, o senhor vê? Foi assim que as coisas se passaram e nós também nós temos do ???¹⁸ de irmão. Se não tivesse havido esse barco, estaríamos todos no Brasil agora.

MG - Mas não como escravos, como senhores.

AO - Oh, não, o senhor acha? Jamais!

MG - Sim, porque Olympio era um senhor.

¹⁵ Dúvidas da transcrição.

¹⁶ O parágrafo foi destacado com duas linhas verticais.

¹⁷ Dúvida da transcrição.

¹⁸ Idem.

AO - Lá ele não será senhor. Aqui ele é senhor, mas lá, ele é um mestiço de índio. Que consideração ele vai ter na sociedade branca de lá? O senhor vê? Ele é a metade escravo, como nós também.¹⁹

MG - Para vocês o Brasil representa ???²⁰

AO - Sim, é isso.

MG - A senhora pensa que o Brasil é povoado como a França?

AO - Sim, é o que nós pensamos. É um grande país para nós. Dizem que o Brasil é nossa casa, porque nosso avô vem de lá. Então, consideramos esse país aí verdadeiramente, adotamos certas danças. O pandeiro, por exemplo, os cantos, conservamos as máscaras, a forma de vestir as dançarinas. Conservamos muitas coisas. São os brasileiros que nos ensinaram isso. Alguns pratos, igualmente, algumas formas de preparar o peixe, a carne. Tudo isso são os velhos que ensinaram suas mulheres a preparar. E nós temos uma comida muito, muito distinta dos outros pratos que os outros vieram aprender na nossa casa e que elas espalharam por todo o país. Então, nós temos pratos, muitos pratos, quando tem festas, no tempo do velho, ele não fazia pratos, ele era cabeça dura, ele era severo. Se o senhor vê a foto dele lá, era um homem duro, severo, intransigente, que não gostava de ver as mulheres e crianças saírem. Hoje, eu acho que talvez... É porque ele tinha talvez medo que os filhos fugissem ou então, eu não sei.

MG - E hoje a senhora pensa que a comunidade da qual fazes parte, ela ainda existe?

AO - Não isso não durou muito tempo porque nós não estávamos tantos, os outros eram muito mais numerosos, para os casamentos, fomos obrigados de nos casar, primeiro os pais exigiam que nos casássemos entre nós. Mas os Medeiros, por exemplo, eles eram grandes beberrões, bebiam bastante. O avô deles era até um bêbado. E aí, eles são um pouco desregrados. Então, nós nos casamos, mas os casamentos não funcionaram entre a gente.

MG - ???²¹

AO - Sim, certamente, ele achava que os negros são muito malvados e não tem nenhum modo de vida. E como eles educaram um pouco os filhos deles, eles queriam que esses filhos se casassem de preferência entre eles, para que eles tivessem uma vida mais confortável, enfim.

MG - ???²² entre afro-brasileiros?

AO - Sim, nos encontramos. Primeiro tentamos, no começo da segunda guerra, no final da segunda guerra mundial, nos encontrávamos em torno da dança pandeiro²³.

¹⁹ O parágrafo foi destacado com um traço vertical e uma seta.

²⁰ Dúvida da transcrição.

²¹ Idem.

²² Idem.

Aprendíamos os cantos em brasileiro e dançávamos juntos, nós saíamos mesmo, nós fazíamos, tentávamos fazer o carnaval através de Lomé. Fazíamos cavalos de madeira, ovelhas em madeira.

MG - Como os *bourians*?

AO - Sim, como a *bourian*, nós dançávamos *bourian*. Fazíamos o tambor exatamente como o velho aprendeu a tocar o tambor. E depois a gente dançava, então as pessoas, juntamos todos aqueles que têm nomes brasileiros nesse grupo. E dançávamos juntos, saíamos uma vez por ano.

MG - Isso existe ainda?

AO - O pandeiro existe em certas famílias, mas os jovens não se interessam mais por isso.

MG - E a senhora ensinou tudo isso aos vossos filhos?

AO - Eles conhecem um pouco a história, mas não muito. O que eu posso dizer a eles, eu digo.

MG - Eles não se interessam mais?

AO - Não. Para dançar Pandeiro, isso, eles se interessam, eles amam a dança, eles amam o canto, mas isso é tudo o que eles guardaram.

MG - Eles se consideram mais togoleses do que afro-brasileiros?

AO - Sim, é isso.

MG - E a senhora sabe falar o afro-brasileiro também? Vosso marido era brasileiro também?

AO - Não, não, ele é togolês.

MG - Como ele se chama?

AO - Sossah.

MG - Sossah, é mina.

AO - Sim. Então os casamentos não funcionaram entre a gente, na nossa comunidade, fomos obrigados de nos casar fora da comunidade, funcionava melhor. No começo, isso não funcionou porque os maridos estavam complexados. Eles diziam: “Tu és branco, tu vieste, tu deves fazer como uma africana?”. E a branca, a mestiça lá, se achava também superior ao marido? O casamento não funcionou. Todas as filhas do meu avô elas não conseguiram ficar no casamento delas. Todas voltaram para a casa. E ele as acolheu, quando as filhas voltaram, e as colocou ainda na casa. E tu pegas os filhos delas. Assim,

²³ No manuscrito está escrito “panderu”.

Amorim, na família Amorim, é um neto do velho Francisco Olympio que formou a família Amorim. E foi ele mesmo que a criou. Foi ele mesmo que lhe deu o nome de João.

MG - João.

AO - Sim, João Amorim. E ele, ele era branco, branco, branco. E aí, foi ele que o educou. Ele disse que ele não queria ouvir falar do pai dela. E eles brigaram. Porque o pai dela, [ele] não respeitou, ele veio pôr sua filha grávida sem sua permissão. Ah, isso, a intransigência, esse princípio, ele não gostava disso. Ele até quase o fuzilou, o senhor vê?

MG - E ???²⁴

AO - Não, mas não. Nós esquecemos, acabamos por esquecer tudo isso. Nossos pais morreram, eles se vangloriavam de tempos em tempos, é tudo. Mas como nos misturamos à população...

MG - Vossos filhos vão para lá de tempos em tempos?

AO - Para lá? Não. Meus filhos não são claros como eu, hein! Tem o sangue que volta ainda. O pai volta sempre. Tem alguns que são negros, e tem que são claros. Nós somos mais ou menos claros. Tem uns que são negros, negros, mas os filhos são claros.

MG - E aqueles que são claros são tratados de forma diferente dos negros?

AO - Não, não. Porque é o mesmo nome. No começo, as mulheres pensavam que talvez tenha acontecido uma infidelidade na família, mas pouco a pouco percebemos que não era uma infidelidade, era o sangue negro que voltava. É a mãe, o sangue da mãe que prevalece às vezes no crescimento das pessoas, enfim. O senhor vê, são assim as coisas.²⁵

FIM

Entrevista com pessoas não identificadas da família Olympio – Lomé, 1995

Obs: As notas de rodapé são observações da tradutora.

[NdT: Como os entrevistados não são explicitados, optou-se por identificá-los por E, E1, E2 – correndo o risco de confundir uns e outros, pois, como a tradução não teve

²⁴ Dúvidas da transcrição.

²⁵ Todo o parágrafo é destacado com um traço vertical.

acesso ao áudio, apenas à transcrição manuscrita, não foi possível reconhecer as vozes e identidade dos entrevistados]

E - Primeiro, será que nós mesmos temos consciência de nossa origem brasileira? Acho que não. E nós sabemos que nosso avô veio do Brasil, se casou aqui com africanas, mas nós temos, as pessoas da minha idade, mas nós nos sentimos completamente integrados como africanos. Nós não temos o sentimento de pertencer a outro povo, à outra nação. De jeito nenhum. Nós sabemos, a história nos ensina que nossos pais vieram do Brasil, etc. Nós ouvimos, mas não nos vemos como brasileiros aqui. Nós vivemos como africanos. Para nós, é a história, não paramos nisso. É isso. Não fazemos um culto de nossa origem brasileira.

MG - ???²⁶ Carlos, ele não vive como os africanos, ele não tem casas africanas, ele não tem o modo de viver dos africanos.

E - Sim, isso é o fato que ele tem, em todo caso, contatos. Seja com os brasileiros, seja com os ingleses, seja com os portugueses, não é? Mas isso não existe só em famílias como a nossa, pode se encontrar pessoas desse *standing*.

MG - Ah, não é uma questão simplesmente de *standing*. Vamos pegar a coisa de outra forma. Atualmente, vocês vivem da mesma maneira que todos os outros africanos. Mas Sr. Cristiano, ele não vivia da mesma maneira. Sr. Ephiphane, que construiu essa casa, ele não vivia como todos os outros africanos. Ele construiu essa casa, mas é uma casa de estilo brasileiro. É uma casa agudá.

E - Sim, mas é um pouco normal, porque os primeiros europeus que vieram sobre nossa costa foram os portugueses. Então, tem em todo caso uma cultura portuguesa. Tem uma raiz, tem o fenômeno da imitação, não é? Tem portugueses em Aguê na época, era o lugar onde os barcos ancoravam. Então, tinha um estilo português, brasileiro, eu vos diria, por exemplo, que antes não tinha pedreiros para construir, carpinteiros. Esses carpinteiros eram levados de Aguê para Lomé, para fazer as construções, porque eles tinham já um domínio, uma certa prática para a construção.

MG - E por que eles tinham essa prática?

E - Sim, mas porque se construía na época, tinha os portugueses que construíam casas nesse estilo aí, sobrados.

MG - Sim, tinham os comerciantes brasileiros, tinham os antigos escravos retornados.

E - É isso.

MG - Tinha pedreiros e é isso, isso quer dizer...

E - E eles transmitiram esse tipo de tecnologia.

MG - Está aí, eles estudavam as maneiras de morar.

²⁶ Dúvidas na transcrição.

E - É isso.

MG - Isso quer dizer, podemos dizer pessoas mais evoluídas.

E - Naturalmente, o contato com o exterior é muito enriquecedor.

MG - Sim, sim.

E - Teve em todo caso esse contato que foi aproveitável. Mas, agora, nós, com a evolução política desse país, com o assassinato de Sylvanus Olympio, é aí que os poderes políticos, para justificar o que foi feito, quiseram dizer que, de fato somos estrangeiros, que viemos do Brasil. Então, que não temos um enraizamento local E isso é o argumento político. Veja o senhor, para justificar esse ato que foi cometido. Antes, a cada vez, diziam que são afro-brasileiros, são escravagistas ou escravos retornados do Brasil, que querem nos dominar.

MG - É uma má manipulação do Estado. ???²⁷

E - Não, não.

MG - O que eu quero compreender é que a família Olympio é uma família que faz parte da elite togolesa, da elite comercial, da elite cultural, da elite intelectual, e da elite dos membros de negócios. Isso quer dizer, é uma família que está no topo da cultura togolesa, e ela está aí porque ela já começou com a cultura, o poder que veio de Francisco. Francisco, ele dominava já o código dos brancos. Ele passou esse código a seus filhos. Então, quando os europeus chegaram, tinha alguém para discutir com os europeus, era o Sr. Christiano. E ele, ele pegou a dianteira, ele é o diálogo, Octaviano. Então, ele podia discutir com os brancos porque ele fala inglês, ele fala alemão, ele entende as palavras dos brancos, então ele vai discutir. Era um pouco tudo isso que fez que teve Sylvanus no momento da independência, dizem, vamos ver Sylvanus, ele vais discutir porque ele fala muito bem inglês. Ele fez os estudos na Inglaterra. Por que seu antepassado estava na dianteira? Porque ele estava no começo dessa cultura.

E - Sim, sim.

MG - É isso que eu quero compreender. Por que o senhor diz que os Olympio são a elite.

E - Eu acho que tem uma coisa. No início, os interlocutores dos brancos eram sobretudo dessas famílias lá. Mas, num momento dado, isso se diversificou de toda forma. No tempo de Sylvanus, não tinha mais tanto a supremacia dessas famílias, tinha outras elites também. O senhor encontrará outras que estão nas casas.

MG - Outros brasileiros e outros que não são brasileiros.

E - Mas pessoas, antigos chefes, antigos notáveis, etc., que estavam em Lomé. Então, eu acho que não podemos dizer que ???²⁸ é automaticamente, euh! Tem uma grande parte

²⁷ Idem.

que faz parte da elite. Mas não é automaticamente a elite atualmente. Mas, no início, eles tiveram um papel, um grande papel, eles eram um pouco uma coletividade farol.

MG - Sim, eu compreendo, isso quer dizer, Sylvanus, por exemplo, ele era *primo inter pai*, isso quer dizer o primeiro de seus iguais. Tinha várias famílias, mas ele era o escolhido entre os outros. Eu vejo o que o senhor diz. Olympio não é a única família. Não, não é a família real inglesa. Não é isso. E eu entendo também que, como tem muitos pontos, etc., tem uns que são mais ricos que outros, então, tem alguns que voltaram, tem outros que não, etc. De todo modo, tem uma ligação cultural. Mas não é uma cultura estrangeira brasileira. Mas qual é esse laço? Qual a ligação entre os Olympio, os Medeiros, os Amorim? Qual a ligação antes que...

E - Tem laços de família, primeiro, depois, tem os Amorim, é uma filha dos Francisco que se casou com Amorim, e um senhorita Olympio que se casou com Amorim. Então, os Amorim são em parte saídos dos Olympio. Os Medeiros é mais matizado. Tem uns que são Olympio, tem uns que não têm nada a ver com os Olympio, o senhor vê?

MG - Sim, eu vejo.

E - Então, são famílias aliadas.

MG - São famílias aliadas. Elas são aliadas pelas relações de casamento, etc. Sim, eu soube que as famílias brasileiras, afro-brasileiras, eles se casavam entre eles. Então, os laços de casamento, já é uma consequência. Uma consequência, uma política de se casar entre eles. Porque o vínculo é o relacionamento antes do casamento.

E - Sim, é verdade o que o senhor diz, porque antes essas famílias se casavam dificilmente com alguém de outras famílias, que tinham um tipo de vida um pouco cercada. Só foi mais tarde que casar sempre elas com nomes de consonância brasileira, etc²⁹. Os Olympio podiam facilmente se casar com os Da Silva, Da Silveira, os Monteiro, etc.

MG - Eu, eu sou Monteiro.

E - Ah, bom!

MG - O lado de minha mãe. Mas eu penso claramente, hein, eu penso claramente que entre nós usamos o sobrenome da família do pai, e o da mãe, não devemos? [devemos] Também. Meu sobrenome é Monteiro Ribeiro. Mas eu não transmito esse nome aí, eu transmito somente o nome do meu pai. Eu não transmito porque as crianças têm o nome do pai e o da mãe. É muito interessante isso porque isso permite de seguir os ramos familiares que não tem filhos homens, enfim. Tem apenas filhas? Acabou. Normalmente os Olympio não têm filhos homens, não tem mais Olympio? Então, eu sou Monteiro aqui. Mas atualmente, não me diz nada ser afro-brasileiro.

²⁸ Idem.

²⁹ A frase está confusa e mau formulada também em francês.

E - Tem os Monteiro.

MG - Sim, sim, sim, eu os conheço. Na espera, eu não mudo. Tem tantos programas por lá. Por exemplo? Era comer à mesa, se vestir como ocidental e habitar casas assim. Mas agora, todo mundo faz isso, não tem mais diferença. Vossa diferença, ela não aparece ao nível do nome. Será que nunca vos aconteceu em vossa existência de encontrar acontecimentos que fazem com que o senhor se sinta um pouco diferente, não diferente fundamentalmente, mas, por exemplo, estás na classe, na França, usas o nome de Olympio, e vos atacam. O senhor não vai vos sentir um pouco ativo a responder a um tipo de?

E - Quer dizer, na França é diferente. Na França estou em uma classe, lá eu reajo como um africano. Aqui, eu também reajo normalmente, eu estou na... tem, enfim, com as pessoas, por exemplo, quem não vos olha como um africano completamente. Por exemplo, eles querem saber a sua língua.

MG - As pessoas, elas tentam criar essa diferença quando seus interesses estão em jogo, e com relação a vós. E são eles que vão vos fazer ter consciência disso. Mas naturalmente, a reação, você não se sente, não raciocina como um estrangeiro. Eventualmente, se querem fazer sentir isso. E nesse caso, qual é vossa reação?

E - Não, mas eu, eu lhe dou, isso me faz sorrir, porque eu não me sinto verdadeiramente estrangeiro no meu meio.

MG - Não vos senteis estrangeiro em vosso meio. As questões que vos coloco, não é sentir estrangeiro, é que queremos saber o que isso faz no senhor, usar esse nome, o que isso engaja. Não é forçadamente uma diferença, para marcar as coisas com relação...?

E - Não. O senhor sabe, efetivamente, tem um pequeno sentimento de orgulho. Nós dizemos, não obstante, foram nossos avós que trouxeram algo a mais nesse país. Isso, somos conscientes. Sim, eles vieram com outra cultura, e essa cultura, eles comunicaram a seus irmãos que ficaram lá. Não é de tempos em tempos, para cochichar, quando alguns dizem: “Bom, vocês são estrangeiros”. Mas nós somos não obstante estrangeiros, nós trouxemos alguma coisa. Isso é rindo. Mas isso participa de um sentimento real.

MG - Felizmente tem estrangeiros que vieram aqui contar alguma coisa estrangeira, na floresta.

E - Sim, isso é, não vivemos isso, mas não divertimos às vezes. Por exemplo, dizemos: “Você é como os Yovos, como os brancos, você vem nos explorar aqui”. Dizemos, mas eles dizem: “Vossos parentes vieram aqui fazer o tráfico de negros, o tráfico de pretos”. Nós lhe dizemos: “Nós não fomos lá [na floresta, nos vilarejos] com uma expedição, para buscar. Nossos parentes iam sobre a costa, levavam escravos para eles, os vendiam, eles compravam”. Na época, era uma coisa que as pessoas não ressentiam assim.

MG - Isso quer dizer que vossos ancestrais, vossos avós, compraram negros porque os avós desses negros venderam seus irmãos. Assim, é preciso ser claro, como se diz. Eu, por exemplo, eu venho de uma família ao mesmo tempo de negreiros e de escravos porque a avó da minha bisavó era escrava de?³⁰ ela era africana de? levada como escrava ao Brasil. Foi o que se passou com ela. Ela se casou e fez filhos com um português, os quais portugueses seriam a história da família. Mas a história é sempre um pouco trucada. O português achou-a muito bonita, ele a comprou e casou com ela, ele viveu com ela toda a sua vida, então ela teve filhos com esse português e seus filhos eram livres. Eles não eram mais escravos. Mas isso faz quatro gerações. Então, em quatro gerações, ela tinha um português que casou com ela, etc. Mas os irmãos desse português aí estavam na cabeça. E de um lado, isso é do lado do meu pai. E do lado da minha mãe, é um português que é na cabeça do Monteiro que fazia cara feia³¹ [aparentemente para o pai do pesquisador, que era filho de uma escrava]. E aí, que aqueles que encontraram Monteiro e esses Monteiro aí são escravos dos antigos Monteiro, que pegaram o nome deles. Então, eu sou em uma situação muito bizarra, enfim. Eu sou possesso [?]³² de dois lados. Lado do meu pai, sou uma vítima. Do lado da minha mãe eu sou o louro³³ nessa história. Então, agora, é preciso ter uma?³⁴. Não somos mais considerados?³⁵ de nossos avós.³⁶ E mais isso prossegue, mais o senhor pensa que a diferença da qual falamos, que marca vosso nome, vai desaparecer.

E - De fato, eu, eu não sinto tanto essa diferença. Não sinto tanto essa diferença.

MG - Sim, é normal, porque ela não existe. Quer dizer, pelo modo de vida, ela não existe. Ela existe não obstante, pela história, pelo passado. Mas o senhor acha que essa diferença vai continuar ou diminuir?

E - Sim, eu acho que isso vai ficar bem. Se nesses últimos tempos isso se ressentiu um pouco (?)³⁷ Nós não teríamos um parente fazendo política. Nós não teríamos de jeito nenhum esse problema aí. Então, a política é um pouco exata nesse momento. E eu acho que depois de tudo isso vai realmente partir.

MG - Então, para o senhor, essas missões passadas aí não são muito importantes? Por exemplo, em outro país, quando temos um sobrenome de tal e de tal país, se realmente há um interesse pela história vamos perpetuar mais e mais.

E - Sim, sim. Nós dizemos aos nossos filhos: Vocês têm um nome que é preciso honrar em seus comportamentos de todos os dias. Por todo lugar aonde vocês forem, vocês devem ter um comportamento exemplar. Porque nossos pais tiveram notoriedade no

³⁰ Dúvida da transcrição.

³¹ No manuscrito está: *Monteiro faisait la tête* – fazia cara feia. Aparentemente o pai da mãe do pesquisador, que era português e branco fazia cara feia para o pai dele, que era filho de uma escrava.

³² Embora soe estranho, a palavra no manuscrito é *possédé*, possesso.

³³ A palavra louro está em português no manuscrito.

³⁴ Dúvida da transcrição.

³⁵ Idem.

³⁶ O trecho está confuso, mas trata-se da tradução mais compreensível encontrada.

³⁷ O ponto de interrogação parece ser uma dúvida na transcrição e não uma conclusão de frase interrogativa.

meio no qual eles viveram, que enviaram os filhos para a escola, que conseguiram. Temos, em todo caso, na nossa família, elites. O primeiro médico do Togo, se não da África do Oeste, é um filho (?)³⁸, é o doutor Houeto.

MG - E não Olympio.

E - Houeto, que tinha tido uma clínica, *Bon Secours*, que foi vendida ao Estado. Foi o primeiro médico que fez estudos na Alemanha, com um dos melhores cirurgiões da época *Gold Coast*³⁹, em (?)⁴⁰, na época. Aqui Sylvanus Olympio foi o primeiro africano, enfim, um dos primeiros, a dirigir a U.A.C. O ramo de (?)⁴¹. Então, de qualquer maneira, nessa família tem elites. Pessoas que tem, que constituem, de qualquer maneira, a elite da época, seja um pouco com relação ao tempo, com relação à sociedade na qual elas viviam. Então, estimamos que tem uma herança moral que é preciso manter, que é preciso proteger. Mas não é necessariamente um sentimento de casta. Não tem essa vontade de se manter, continuamos Olympio a todo preço. Tem, de todo maneira...

MG - Tem também uma coisa que está anunciada, que no Togo, ser Olympio, é um pouco como ser Kennedy, dos Estados Unidos. (Risos). Se tu és Kennedy, nos Estados Unidos, se tu diriges um carro, se tu chegas e os guardas te param e olham os documentos, eles dizem: Ah, mas é Kennedy! (Risos). Eles reconhecem o senhor. Então, tem um partido tomado. Ou então, se ele é a favor de Kennedy, ele vai te ajudar; se ele [e contra Kennedy, então vai te prender. Tu podes ser reconhecido em qualquer lugar na sociedade.

E - E eu, eu digo com frequência às pessoas que o meu nome por si só é uma acusação.

MG - Sim. É verdade que vosso nome sozinho já é vossa peça de defesa.

E - Mas, claro, também.

MG - Porque o senhor foi acusado de querer o progresso. Eu tenho comigo bem, no entanto, uma coisa, isso quer dizer, a importância de Sylvanus é de quando ele foi presidente da República. Ele foi presidente da República com um programa para o Togo, um programa nacionalista. Eu entendi bem, senhor, é isso. Quem vai ser pego por Gil Christ? Isso me faz pensar que em 30 anos haverá um Olympio no comando.

E - Nós desejamos, nós desejamos, e isso não vai parar, de toda maneira. (Risos) Isso pode acontecer, mas não é uma necessidade, isso pode acontecer.

MG - Não tivemos cartas, partidos políticos, mas vamos virar. E o senhor, meu [?]⁴².

E - No momento, eu desaconselharia.

³⁸ Dúvida da transcrição.

³⁹ O entrevistado se refere à Costa do Ouro, como era chamada a costa oeste da África.

⁴⁰ Dúvida da transcrição.

⁴¹ Idem.

⁴² Caligrafia incompreensível.

MG - Ah, sim, eu concordo totalmente com o senhor.

E - No imediato, não é o momento.

MG - Tem momentos de ir às profundezas e momentos de vir à tona. É preciso saber escolher. Mas a senhora, minha irmã, é a única mulher aqui. E eu gostaria de escutar a única mulher para nós progredirmos, porque somos pesquisadores. (Risos). Eu gostaria de saber a opinião da mulher Olympio. Olhe, começamos por partir. A opinião da mulher (Risos).

E2 - No plano da diferença, é igual em toda parte, o que os outros dizem. Sentimos-nos completamente integrados no meio africano. Por exemplo, digamos algumas diferenças que se aproximam. As cerimônias e tudo isso, nós não temos cerimônias. Por exemplo, para os defuntos, as saídas das crianças, tudo isso, não temos cerimônias. Mas somos de toda forma integrados no meio africano, enfim. Não somos colocados de lado.

MG - E na vida religiosa, será que o fato de ser uma Olympio, isso quer dizer o fato de ter recebido uma educação particular, isso pesa na vida religiosa, com relação a vosso colega que vem de um vilarejo onde não há água corrente, não se come à mesa, não se tem o hábito de ler. A senhora conhece os livros que estão aqui, sabe que os livros têm valor. Então, quando você toca a bíblia, a bíblia é importante, mas antes, é primeiro um livro porque tem a escritura. É nesse sentido aí que eu quero saber, enquanto Olympio se isso muda alguma coisa na vida.

E - Não temos necessidade de ser somente Olympio para que isso mude alguma coisa. Em qualquer família as pessoas letradas, do lado de gente iletrada, isso se vê, de toda forma. Isso se sente nas atitudes, no modo de falar, no modo de agir, isso se ressent. Não é obrigatoriamente do lado de que sejamos Olympio ou não.

MG - Sim, o problema é que, no tempo do Francisco, os únicos letrados eram os brasileiros. Mas, agora, todo mundo é letrado. É isso que valorizaram. Muito bem.

E - Não eram os únicos. Mas a maioria. Porque haviam, de qualquer modo, autóctones que podiam ler.

MG - Sim, mas poucos, hein.

E - Sim, porque vemos na história que tem algum, no começo da colonização alemã, teve, depois dos brasileiros, durante a colonização alemã [?].⁴³

MG - Quando começou a colonização alemã, senhor?

E - Euh, em 86, eu acho. Em 1886.

E2 - 1886, 1888.

⁴³Possivelmente ele se referia a alguns que sabiam ler durante a colonização alemã no Togo.

MG - 86-88, no começo da colonização alemã, os alemães quiseram construir aqui uma casa para ser sede do governo. E quem deu os tijolos? Quem foi escolhido para fazer a construção? Foi Olympio. Quando os alemães vieram aqui, para enviar as primeiras autoridades à escola, quem fez a casa para os alemães? Era gente dos Olympio. Então, é isso que eu digo que tem um momento onde os autóctones (risos), antes da colonização (risos), é isso. Porque nós, nosso trabalho, ele toca toda a cultura afro-brasileira. Não pense que somos nós, hein. Isso quer dizer que eu não penso que qualquer um, Monteiro da Silva, Olympio, ele é mais brasileiro que africano. São africanos completos. E tu podes ter africanos completos que sofreram a influência portuguesa, a influencia francesa, a influencia alemã, e tem africanos completos que sofreram influencias brasileiras. É tudo. O que temos que saber é como o passado (?)⁴⁴ para buscar a diferença. Como o passado continua ainda hoje.

E - Devido ao fato de que as mães foram todas ou quase todas africanas - então, a cultura se transmite frequentemente pelas mães – não sentimos tanto essa diferença.

MG - Bom, é quase meio dia, o senhor foi muito gentil de discutir conosco todo esse tempo, e, bom, eu ressalto apenas que estamos no dia 10 de junho, em Lomé, na casa familiar de Epiphanyo Olympio.

E - Epiphanyo Olympio.

MG - Sim, a casa Epiphanyo Olympio, sim, é Carlos Olympio. Obrigado por ter feito essa observação. Então, vou simplesmente vos pedir de dizer vosso nome porque, assim, eu vou reconhecer mais tarde. Então, senhor Carlos Olympio, nosso chefe de família que vem de intervir é?

E - É Victor Olympio.

E [NdT: talvez seja um outro entrevistado]: Herman Olympio, Mestre Baby Olympio, Christian Codjovi Olympio.

MG - É isso, é Olympio. Olympio, eu vos agradeço.

⁴⁴ Dúvida da transcrição.